ARCHIVO PITTORESCO

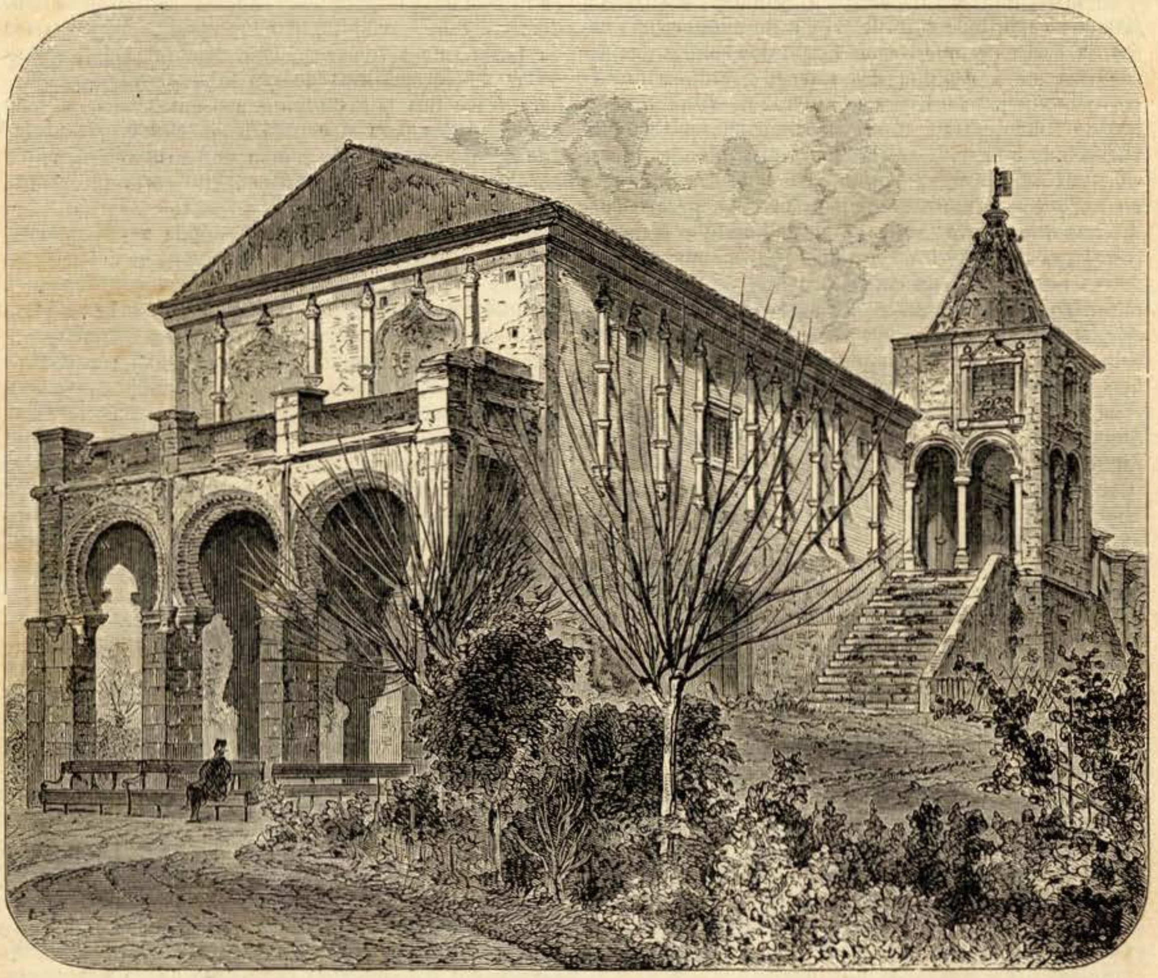
SEMANARIO ILLUSTRADO

EDITORES PROPRIETARIOS, CASTRO IRMÃO & C.ª

Assignatura—Lisboa e Porto 2$000 réis—Provincias, pelo correio, 2$200 réis—Numero avulso 50 réis

Escriptorio, rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio

II.° ANNO — 1868



Galeria dos paços reaes de Evora, vista do lado de sueste

PAÇOS REAES DE EVORA

I

Evora não foi sempre uma cidade silenciosa e triste. As pompas e ostentações da corte, o fasto da nobreza, o estrondo das armas de guerra, os sons das musicas e folias, o ruido das ferramentas das artes e officios, por mais de uma vez a engrandeceram e animaram. Floresceu entre as povoações opulentas da peninsula, de seculos a seculos, n'alguns periodos de sua longa existencia, cuja origem se perde nas trevas das edades ante-historicas. Dentro e fóra dos muros, que de velhos e inuteis se lhe arruinam, no solo em que jazem sepultadas tantas gerações e raças differentes, permanecem ainda dos passados esplendores os vestigios que o tempo não consumiu ou o homem se esqueceu de destruir.

Ha quasi dois mil annos que Sertorio, libertando a cidade do jugo de Roma, lhe conservava e augmentava as grandezas da civilisação romana. E quando, muito depois, vieram a renovar-se em Portugal, nas letras, nas artes, nas emprezas militares, as excellencias do Latium, os reis da segunda dynastia illustraram tambem a velha colonia dos imperadores, restaurando ou imitando as obras da antiguidade, e pondo n'outras, todas suas, claros testimunhos de predilecção e apreço para com a terra em que vinham repoisar á sombra dos loiros da victoria.

Das poucas reliquias que d'aquellas ultimas obras se conservam é a galeria dos paços reaes, que a nossa gravura representa.

II

Até ao tempo de D. Affonso V aposentavam-se os reis com a sua corte nas casas que tinham na Praça, e se chamavam *estáos* [1], como as que em Lisboa e n'outras cidades e villas serviam ao mesmo fim. O palacio do sr. José Maria de Sousa Matos occupa hoje o terreno onde estiveram, do lado do sul ou da rua da Cadeia, os estáos, e, do lado do norte ou da rua do Raymundo, uma casa que pertenceu aos condes das Alcaçovas. Separava os dois predios, ora reunidos e totalmente transformados, a rua dos Toiros, assim denominada porque por ella saiam os que na Praça se costumavam correr.

Além de duas cartas del-rei D. Manuel, relativas á pretenção que teve Ruy de Sande de alargar suas casas da Praça (as que depois foram dos condes das Alcaçovas) até á esquina dos estáos, guarda-se no archivo municipal de Evora um alvará de 29 de dezembro de 1502, em que el-rei lhe concedeu para aquelle effeito todo o ar da cancella onde se mettiam os toiros. «E (lê-se no documento) a dita cancella ficará tão alta do chão e assi craro quejando convenha pera o correr dos ditos touros.» Ha no mesmo archivo mais outro alvará de 6 de fevereiro de 1503, mandando metter de posse do ar da cancella a Ruy de Sande, para elle alargar as suas casas até aos «estáos, com tanto que seja despejada a entrada dos touros e tão alta como uma lança.» Por aqui se prova: 1.º que os estáos foram na Praça, contra a opinião de alguns escriptores, que suppozeram terem sido nas casas denominadas de Sertorio, ou nas que depois serviram de inquisição; 2.º que n'aquella epocha a rua dos Toiros ficou só communicando com a Praça por meio de um arco, que veiu mais tarde a ser tapado com toda a parte oriental da rua.

É tradição constante que nos estáos se hospedaram el-rei D. Diniz e a santa rainha D. Isabel, assim como outros antigos monarchas. Na chronica de D. Affonso VI escreveu Ruy de Pina que os desposorios do infante D. Pedro com D. Constança Manuel se celebraram por procuração, em 1336, nos paços de S. Francisco. E na chronica de D. Affonso V affirmou tambem o auctor que nos mesmos paços de S. Francisco fallecêra em 1455 a rainha D. Isabel. Razão ha para duvidar se chamariam assim antigamente os estáos, por ficarem proximos do convento de S. Francisco, ou se lhes applicaria Ruy de Pina a denominação que em seu tempo tinham os novos paços, edificados a pequena distancia dos estáos, na horta e convento dos franciscanos. Duarte Nunes de Leão, natural de Evora, em cuja historia deveria andar versado, repetiu nas suas chronicas a expressão de Ruy de Pina.

III

As ruinas e as poucas memorias que restam dos paços de Evora não permittem determinar com exactidão a sua antiga fabrica, e as obras com que em cada reinado se foram augmentando até ao tempo de D. Sebastião, o ultimo dos nossos monarchas que n'elles residiu.

D. Affonso V poisou ainda nos estáos ou antigos paços reaes. Como, porém, fossem casas pequenas e acanhadas, pediu aos frades de S. Francisco para se aposentar na parte do convento mais proxima do Rocio, com o pretexto de mais facilmente sair ao campo. Apossou-se el-rei não só da casa que primeiro lhe cederam, e era a que servia aos estudos, senão tambem de outras do convento, as quaes accommodou, com varias obras, ao seu uso; e assim deu principio aos novos paços. Não se sabe ao certo o tempo em que isto succedeu. Depois de tomar Alcacer Ceguer, em 1458, esteve D. Affonso V algum tempo em Evora. Todavia, como por carta de 4 de março de 1462 mandou á camara que aposentasse seu sobrinho D. João em suas casas da Praça, parece que só mais tarde, quando victorioso de Arzilla e de Tanger regressou a Evora, começaria a transformar em palacio real o convento de S. Francisco.

Continuou nos reinados seguintes a alargar-se o palacio pela casa e horta dos Franciscanos. De D. João II, diz Garcia de Rezende, que tendo deliberado, por causa da peste que assolava Lisboa, celebrar em Evora as festas dos desposorios de seu filho D. Affonso, mandára fazer nos paços muitos aposentos de novo com grandes salas para si e para o principe e princeza. E que pela brevidade do tempo tantos officiaes metteu na obra, que em seis mezes concluiram o que levaria muitos annos.

Como o palacio não tivesse, ainda assim, capacidade para aquellas festas memoraveis, mandou el-rei construir entre elle e a portaria do convento uma sala de madeira com 300 palmos de comprido, 72 de largo e 75 de alto. Não tentaremos descrever aqui esta e todas as outras maravilhas que n'aquella occasião se admiraram em Evora, e o chronista de D. João II tratou longamente em alguns capitulos da sua chronica.

O edificio representado na gravura é de D. Manuel; a denominada galeria das damas, cujas ruinas ficam proximas, e a torrinha do aqueducto, são provavelmente de D. João III, o que melhor adiante explanaremos.

IV

Facilmente se avaliará a extensão dos paços e jardins reaes no seculo XVI, imaginando uma curva convexa para a parte do convento, desde a muralha, sobranceira á horta dos Soldados, até á rua do Paço, tocando quasi a portaria junto do largo de S. Francisco, e cortando as ruinas do velho claustro. Prova-se que os paços se alargavam tanto para o lado do norte, porque fazendo-se algumas demolições ha quatro annos n'esta parte do convento, appareceram ao pé da torrinha do aqueducto vestigios de tanques muito ornamentados; e da banda do sul, a pequena distancia da porta, uma sala soterrada com azulejos e pinturas de varios instrumentos, que denotavam ter servido para bailes e festejos. O pavimento d'esta sala estava nivelado com o da galeria das damas, cujas paredes se vêem pouco afastadas para o lado do poente.

Por concessão de Filippe III de Hespanha ficaram os frades senhores da parte oriental do palacio, que transformaram em dormitorios. Era aqui o quarto da rainha, cujas janellas ainda hoje se conservam, tanto do lado da rua do Paço como da parte opposta. É de crer que n'essa epocha se insulassem os frades o mais que podessem para se forrarem a futuras extorsões, e destruissem ou, pelo menos, promovessem a ruina das casas do palacio proximas do convento, deixando apenas de pé a galeria mais occidental, e portanto a mais remota de todas.

Pelo desapêgo de um rei estrangeiro e ignorancia de uns franciscanos, se perdeu uma das maiores e mais ricas residencias que, fóra da capital do reino, tiveram os monarchas portuguezes.

(Continúa) A. FILIPPE SIMÕES.

[1] Sobre a etymologia da palavra *estáos* ha diversas e extravagantes opiniões, que se podem ver no *Vocabulario* de Bluteau, nas *Memorias de D. João I*, de José Soares da Silva, e no *Elucidario* de Viterbo. Das mais singulares é, por certo, a do padre Fonseca na *Evora gloriosa*, onde affirma que *estáos* vem de *estacas*. E, comtudo, Duarte Nunes de Leão, nas *Origens da lingua portugueza*, citadas por Moraes, traz, entre os vocabulos que se encontram em escripturas antigas, a palavra *hostaos* com a significação de hospedaria, deixando assim bem manifesta a etymologia que tanto deu que fazer a alguns escriptores.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

(A Julio de Castilho)

I

HISTORIA DE UM ROUXINOL

I

Era no mez de abril. A casa onde viviamos ficava toda occulta pelo arvoredo, e tinha uma varanda que deitava para o rio. Não tinhamos por visinhos senão os passarinhos; não ouviamos outros ruidos além do murmurar das aguas, do cantar das aves e do susurrar das folhas batidas pelo vento. A noite iamos ambos sentar-nos na varanda, que se tinha forrado com rosas e madresilvas, e ahi ficavamos longas horas, mudos, immoveis, ouvindo o canto de um rouxinol que soltava seus hymnos melodiosos n'um ramo inclinado sobre as nossas cabeças.

Nas noites de luar era dobrado o encanto que nos dominava. Os raios da lua, coando-se por entre os ramos, espelhavam-se na corrente como estrellas de prata. As flores espalhavam seus inebriantes aromas no ar que respiravamos; e o rouxinol, que sabia que nos tinha sempre alli, tão presos, tão attentos, tão enternecidos a ouvir-lhe a historia de seus castos amores, foi pouco a pouco, apesar da sua natural timidez, familiarisando-se com o auditorio. De noite para noite descia um ramo e vinha poisar-se mais perto de nós.

Havia quasi um anno que tinhamos ido esconder a nossa felicidade n'aquelle paraiso ignorado. Só nos viamos um ao outro na terra; Thereza não tinha ciumes dos rouxinoes que eu escutava; eu não era cioso das toutinegras que vinham ao parapeito da janella comer-lhe as migalhas quasi na mão. O mundo acabava para nós á porta da quinta, e o ceo começava á borda do rio. Ninguem nos invejava, porque ninguem nos conhecia. Não nos aborreciamos, porque gastavamos o tempo em amar-nos. Nada cobiçavamos, porque um bastava para a ventura do outro, e tinhamos ainda em cima o rouxinol na varanda.

II

Que tempo, santo Deus! que divina felicidade n'aquellas noites de estio, e que sublime embriaguez! E como tudo passou, como tudo morreu, como tudo mudou com a prisão e a morte de um rouxinol!... Oh! ninguem roube a liberdade ás avesinhas, ninguem prenda os rouxinoes, porque Deus castiga a quem põe em captiveiro aquelles que Elle creou livres.

Ao alvorecer recolhia o cantor ao seu ninho, e nós ao nosso. Elle ia, como artista triumphante, repoisar a gloriosa cabecinha no seio da companheira, que até então o entreouvíra em seus amorosos sonhos, e que agora velará em quanto elle dormir. Nós, cheias as almas da harmonia que nos communicava a natureza, esqueciamos quanto havia em nossos seres de material, de profano e mortal, e, deixando voar o espirito para as regiões celestes, entreviamos a aurora da existencia divina.

Uma noite em que já não havia luar, e estavamos, como de costume, sentados no banco da varanda, o rouxinol poisou tão perto, que eu podia, erguendo o braço, tocal-o quasi com a mão.

A avesinha, cheia de boa fé e confiada na lealdade que parecia garantir-lhe a nossa admiração, manifestada por tão religioso silencio e tamanha assiduidade, testimunhava, aproximando-se cada vez mais, que aceitava e agradecia a nossa protecção, e que as nossas relações lhe eram agradaveis. Mas a sua voz era tão vibrante, que, ouvida assim de perto, custava a supportar.

Eu não ousava, comtudo, mover-me, receioso de assustar o artista e de perder no seu conceito a opinião que elle parecia formar da nossa fidelidade.

Ella, porém, que era nervosa e delicada, estendeu a mão com o intuito de sacudir os ramos, mas tão pequena era a distancia, que encontrou o rouxinol e apanhou-o, exclamando: «D'aqui em diante has de cantar só para nós.»

III

Corremos para casa e mettemol-o n'uma gaiola; porém o infeliz dava taes saltos, atirava comsigo tão desesperadamente de um para o outro lado, que lhe adivinhei a intenção de suicidar-se. Quiz soltal-o, mas Thereza não consentiu. As mulheres são crueis... ás vezes. E, comtudo, aquella tinha um coração de pomba; — mas não soltou o rouxinol!

O pobre passarinho, a principio, manifestava a sua dor esvoaçando furioso e batendo contra as grades da gaiola, com a visivel intenção de despedaçar-se; depois caíu em prostração, occultou-se no recanto mais escuro e deixou-se ficar immovel, com as pennas eriçadas, o olhar fito, e estremecendo de vez em quando com uma convulsão nervosa, como se fosse epileptico. Quando a minha companheira se aproximava, fallando-lhe, acariciando-o e querendo apanhal-o para lhe metter o comer no bico — porque elle tinha feito proposito de morrer de fome — o desgraçado entrava em accessos de furor louco, impossiveis de descrever. A mim, pelo contrario, não só me tolerava, mas resignava-se a que eu o apanhasse e alimentasse contra sua vontade. Parecia com este procedimento dar-me a entender que me não odiava, porque não fôra eu que lhe roubára a liberdade.

IV

Passaram assim tres dias — tres noites em que não fomos á varanda. — Ao terceiro dia pendurei alli a gaiola no mais escuro da ramada. Então uma scena pathetica e commovedora se verificou. A femea, que durante os tres dias voára sem cessar em torno da casa soltando pios lugubres e dolorosos, apenas viu o amado companheiro precipitou-se sobre a prisão, querendo desfazel-a com o bico; porém, reconhecendo que eram inuteis os seus esforços, poisou-se n'um raminho ao lado d'elle e começou a gemer sem pausa.

O rouxinol deixou-se ficar onde estava, sem movimento, insensivel ás tentativas que fazia a sua amada para libertal-o, indifferente á dedicação com que ella parecia disposta a sacrificar-se por elle, não fugindo quando eu me aproximava. Conhecia-se que o captivo fizera voto de não sobreviver á sua desgraça e que se deixaria morrer de paixão. De repente o preso estremeceu; uma corrente electrica agitou-lhe todas as pennas; ergueu a cabeça e escutou. A femea agitára-se tambem e tambem escutava. Um canto suave, distante ainda, mas que se aproximava rapidamente, começou a ouvir-se. Era a voz de um rival, de um rival detestado e audaz que ousava requestar, nos seus cantos amorosos, a mulher do prisioneiro. Este ouvia attento, e rapidos estremecimentos lhe sacudiam a miude a escura plumagem; a voz estava cada vez mais perto, e a amante do meu rouxinol, depois de olhar para a gaiola e talvez convencida de que o escravo não mais se libertaria, teve o animo cruel de o desamparar, voando para um salgueiro mais alto. O desgraçado, vendo-a ausentar-se, presentiu que ella ia ser-lhe infiel, trocando-o por outro, e soltou um pio doloroso.

O rival preferido veiu cantando até poisar no ramo em que estava a gaiola, e onde o seguiu immediatamente a perfida que por elle deixava o infeliz captivo. O recem-vindo, depois de atormentar o preso com o espectaculo das suas caricias á desleal que se lhe entregava, soltou a voz n'um canto agudo e prolongado, hymno de triumpho selvagem e covarde, que eu traduzi assim:

V

«A vingança é mais doce do que a semente do linho e as dormideiras amassadas com sangue, que os homens costumam dar aos rouxinoes captivos! Eu nasci n'uma giesteira florida á borda de um arroyo, cujas aguas cantavam noite e dia. Quando as minhas azas tiveram pennas, saí do ninho onde o amor materno me tinha embalado, e vim procurar nos sinceiraes do Mondego uma companheira que accendesse no meu peito o enthusiasmo do canto, e perpetuasse commigo a raça dos filhos da luz e da harmonia. Mas o meu corpo era debil, e a minha vida, começada apenas, não me permittia entrar em lucta com os que, velhos pela experiencia, mestres pela arte e orgulhosos pelos seus triumphos, se tinham tornado no meio dos salgueiros o terror das novas gerações. No momento em que o meu coração sentiu pela primeira vez a inspiração divina, á vista d'esta amiga que ora poisa a meu lado, tu, que contavas as amantes pelo numero dos teus dias, abusando da tua força, da agilidade das tuas azas, e da fereza do teu coração endurecido pela gloria e a vaidade, caíste sobre mim como o abutre sobre a pomba, como se fôras inimigo da minha raça; e depois de me roubares a doce companheira que eu tinha escolhido, dilaceraste-me o peito e obrigaste-me a expatriar para não ser victima da tua brutalidade nem testimunha do teu triumpho. *Tu m'hai patria ed amante rapita*, ó Atila dos rouxinoes! Mas as amarguras do desterro tornaram-me forte, e os teus immortaes gorgeios, que eu vinha, durante as longas noites da primavera, escutar de longe, fizeram-me tambem mestre. Hoje, que eu podia medir-me comtigo em qualquer genero de luctas, vinha desafiar-te, e acho-te preso! Envilecido pela escravidão, até perdeste já a nobre isenção da nossa especie, que é não sobreviver á perda da liberdade! Consentes que te alimentem occultando o teu covarde apêgo á vida com a desculpa banal de que te mettem o comer no bico! Que fizeste das unhas com que ferias teus irmãos? Por que te não serves d'ellas para arrancar tuas proprias entranhas, libertando-te assim dos teus algozes? Oh! que se eu podesse quebrar-te-hia as prisões para te disputar depois a posse d'aquella que o teu captiveiro me entregou sem combate! Mas que importa que morras na gaiola ou fóra d'ella, se eu me vingo roubando-te a esposa que tanto amavas, saboreando á tua vista as delicias do meu triumpho, e dizendo-te que a vingança é mais doce do que a semente do linho e as dormideiras amassadas com sangue!»

VI

O cantor vingativo foi aqui interrompido por uma especie de rugido doloroso que soltára o ultrajado amante. A gaiola e o ramo que a sustinha tremeram com a violenta sacudidela com que a avezinha investiu as grades. A desleal esposa fugiu aterrada, receiando-lhe as iras se porventura elle conseguisse libertar-se. O captivo, porém, estacou de subito, como tendo mudado de resolução; e, depois de meditar um pouco, subiu a uma das varinhas que lhe serviam de poleiro e dispoz-se para cantar. A nossa alegria foi grande, mas durou-me pouco a mim. O habito da solidão tinha-me como que ensinado a linguagem das aves, e eu traduzia com facilidade os seus cantares.

O rouxinol tomou uma posição grave e digna, como quem se preparava para tratar nobremente a sua causa. Alizou as pennas que tinha em desordem por causa das ultimas commoções; limpou o bico de ambos os lados contra o poleiro, como que para o afiar; olhou para a janella onde nós estavamos, a fim de assegurar-se de que tinha testimunhas conscienciosas; mediu com olhar desdenhoso o rival, que pasmado o contemplava; e, depois de por varias vezes alongar a vista para o mais espesso das ramadas, procurando talvez a fugitiva infiel, preludiou os seus primeiros cantos. Ao principio eram notas soltas e sem nexo, fragmentos de poemas differentes, musica variada mas sem unidade, que o artista exhibiu como para experimentar a voz. Pouco a pouco veiu vindo a ordem e a harmonia; percebia-se que elle estava estudando, compondo e corrigindo a sua composição, como o poeta antes de publicar os seus ultimos versos. A final, jorrou como uma torrente de melodias o prologo da sua historia, em que respondia assim ao seu odiento rival:

VII

«Ó cedros saudosos da fonte das Lagrimas, ó echos do penedo da Saudade, ó loireiros gloriosos, ó choupos e salgueiros do Mondego, ó vós todos que tantas vezes me embalastes em vossos ramos odorantes, e que fostes sempre os fieis confidentes de minhas alegrias e tristezas, guardae perpetuamente a memoria do feito mais covarde que jámais se deu desde que ha rouxinoes! Dizei ás gerações futuras que aquelle cuja voz foi tantos annos alma de vossas ramadas acabou n'uma prisão, vil e affrontosamente offendido pelo mais indigno e mais fraco de todos os entes que vestem pennas! — E ousas tu, ó miseravel insultador de captivos, ó roubador de esposas indefesas, ó vilão que desafias os que não podem defender-se, ousas tu dizer que és meu discipulo e que aprendeste commigo teus desentoados cantos?! Pois bem! Até em meu triste captiveiro acceito o teu repto. Não posso, porque m'o impede a gaiola, medir comtigo a dureza das minhas unhas e do meu bico; mas tenho a voz livre como tu. Cantemos, pois! E que aquella que me desamparou na desgraça para seguir a tua prosperidade possa ouvir os meus ultimos hymnos, porque te juro que morrerá arrependida de me haver deixado. Desgraçado! Cegou-te a paixão e o odio ao ponto de me calumniares tão atrozmente! Julgas que um filho da liberdade, da luz e do amor, o maior poeta que Deus creou, o unico artista que aprende só comsigo e sem auxilio de mestre, o ente que está mais perto do ceo, cuidas tu que póde viver escravo dos homens? Jámais! Eu não acceito o destino que elles me impozeram, porque só o Creador podia impor-m'o. Esperava morrer de desespero, mas essa morte é indigna da creatura. Morrerei cantando, e morrerei digno de mim e da nobre familia de quem venho. Tu não pertences á minha raça; gerou-te uma vil toutinegra e um obscuro pintasilgo — imitadores servis de meus immortaes hymnos. — É verdade que te puni outr'ora pela audacia com que pretendeste usurpar-me aquella que eu tinha honrado com a minha escolha; e se hoje me fosse dada a liberdade não te deixaria vivo por novamente m'a teres disputado. Mas ha uma Providencia que castiga os maus. Quem insulta os desgraçados é um miseravel fóra da lei commum. Se tiveres filhos da amante que me usurpas, vel-os-has devorados pelas cobras; e se algum sobreviver será para me vingar, roubando-te incestuosamente sua propria mãe, e fazendo-te expiar, na tua vergonhosa e inutil velhice, os nefandos crimes da tua covarde virilidade!»

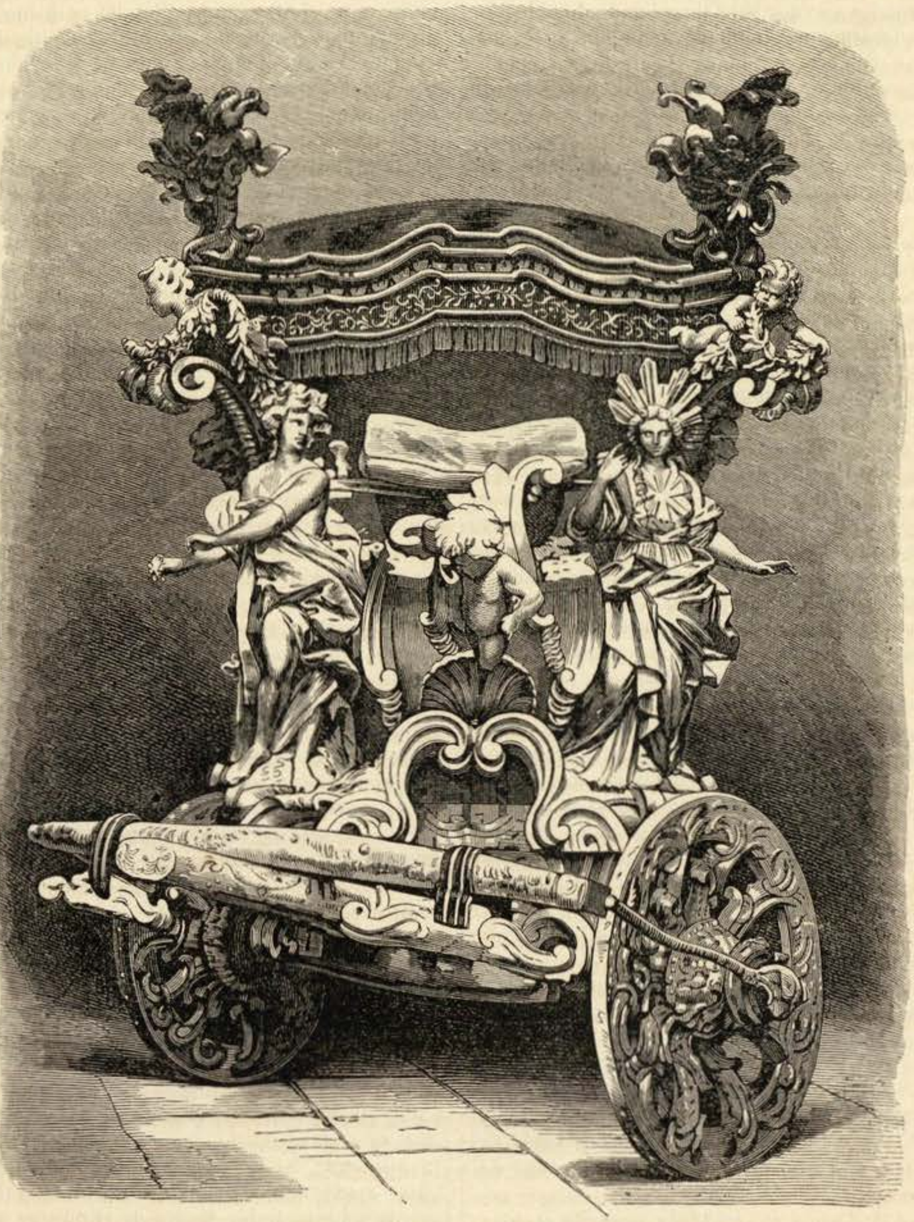
(Continúa) F. Gomes de Amorim.

LUXO E MAGNIFICENCIA DA CORTE DEL-REI D. JOÃO V

I

Não foram as riquezas do Brasil, como crê muita gente, o movel que inclinou o animo del-rei D. João v ao amor do luxo. Esse amor desenvolveu-se n'elle tão precocemente como em el-rei D. Affonso v. Houve en-

tre estes dois monarchas notaveis pontos de similhança. Ambos amaram o fausto quasi desde o berço. A ambos lançou esta inclinação fatal nos excessos da prodigalidade. Um e outro, finalmente, sentiram-se impellidos para as aventuras por seu caracter cavalleiroso. Estes sentimentos e inclinações, sendo identicos na essencia, obraram de modo diverso, pela differença das epochas, pelas alterações que o tempo vae operando nas idéas e nos costumes. D. Affonso v dissipava os bens da coroa para enriquecer os fidalgos, e corria a quebrar lanças em Africa para satisfazer o seu animo aventuroso. El-rei D. João v exhauria os cofres do estado para ornar os templos e locupletar o thesouro do papa; e quando lhe assomavam ao espirito veleidades cavalleirosas, divagava de noite pelas ruas de Lisboa em mysterioso disfarce, buscando aven-



Coche de gala del-rei D. João v, denominado carroça triumphal

turas em que se experimentassem o valor do seu braço e a fina tempera da sua espada.

Ainda sangravam abundantemente as feridas abertas no coração do reino pelas guerras da restauração da nossa independencia e da succesão da coroa de Hespanha; ainda escasseavam os recursos necessarios para acudir ás mais urgentes despezas do estado, e já el-rei D. João v, no verdor dos annos e novel no throno, dispendia tão largamente em todas as ostentações da realeza, como se tivera os seus cofres repletos de oiro e satisfeitas as necessidades publicas.

D'est'arte presenciou o paiz um triste espectaculo durante alguns annos, logo que o joven soberano empunhou o sceptro. Ao passo que cresciam extraordinariamente as despezas da casa real, não só pelo augmento da pompa e apparato nas solemnidades da corte e nos prestitos reaes, mas tambem pelo muito que el-rei gastava em obras nos seus paços, e em festividades religiosas, a que sempre se mostrou affeiçoado, padecia o serviço publico em assumptos de gravidade, e até com quebra no decoro nacional, por falta absoluta de dinheiro.

As minas de oiro e de diamantes do Brasil, cujo descobrimento teve principio no fim do reinado de D. Pedro ii, não poderam acudir com prompto remedio a tão grande desequilibrio na fazenda publica, não obstante as avultadas riquezas que de si lançaram sobre Portugal quasi desde o começo da sua exploração.

E como não succederia assim, se D. João v requintava em luxo e magnificencia, e, por conseguinte, triplicava as suas despezas, á maneira que essas fontes auriferas e diamantinas derramavam as suas preciosidades no real thesouro? Mas tal era a possança d'aquellas minas; tanto parecia quererem competir em prodigalidades com o monarcha portuguez, que, durante alguns annos, deram meios para tudo, abundantes meios para as despezas correntes, para muitos e importantissimos melhoramentos publicos, e, em fim, para satisfação de todos os caprichos da vaidade do soberano.

Pois que tocámos n'esta chaga, pela qual se fez mais conhecido e celebre o reinado de D. João v, pede a justiça que se diga, em homenagem á verdade, que o governo d'este soberano se occupou com fervoroso empenho, durante um longo periodo, em promover todo o genero de melhoramentos que n'aquelles tempos mais podiam concorrer para a prosperidade de um paiz.

As immensas riquezas que n'essa epocha nos vieram do Brasil não foram todas consumidas improductivamente. Não foram transformadas sómente, como em geral se apregoa, nas obras de Mafra, nas bullas da erecção da patriarchal, em donativos a infinito numero de egrejas, e em cercar o throno real de esplendores cada vez mais deslumbrantes. Serviram tambem para grandes emprezas de abertura de canaes, em que figuram, entre outros, a chamada *valla da Azambuja*, que ia até Rio Maior, e o *Tejo Novo*, a mais grandiosa obra hydraulica que tem sido emprehendida em Portugal. Serviram para a construcção de innumeraveis pontes e das principaes estradas do reino, reconstruidas ou reparadas nos dois reinados seguintes, e que a final, por nosso desleixo, vieram a cair em completa ruina. Serviram para a creação de importantes estabelecimentos fabris e para a introducção de industrias novas; para a restauração da marinha de guerra; para a fundação e manutenção de academias e de varias escholas. Serviram, em fim, para estas e para muitas mais coisas uteis, umas que ao diante se annullaram ou perderam, por effeito da decadencia e desordem que se introduziram em todos os ramos da administração do estado nos ultimos nove annos do reinado de D. João v, em que este soberano esteve paralytico, outras que, em razão das reformas com que se estreou o governo del-rei D. José I, vieram, no decurso do tempo, a ser attribuidas á patriotica iniciativa do marquez de Pombal.

Agora, que pagámos este tributo de imparcialidade á memoria de um rei que tem sido julgado por uns com excessiva lisonja, e por outros com demasiada severidade, volvendo ao assumpto de que nos afastámos, vamos, não expor um quadro bem delineado, mas sim indicar simplesmente alguns casos em que se patentearam com mais vivas côres a vaidade del-rei D. João v, e o seu amor desenfreado do luxo e da ostentação.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

O WALI DE SANTAREM

I

O ULTIMO ARABE

Quão longe estava já o imperio sarraceno da Hespanha da sua primitiva grandeza e do seu antigo esplendor! O sol do dominio islamita pendia para o occidente, e o seu occaso afogueava-se no rubor do sangue derramado em discordias civis. Quem diria que essa faxa do Andaluz, mera dependencia do Maghreb africano, era o que restava d'esse formidavel imperio occidental, que, irradiando de Kordova para os Pyreneos e para as Asturias, além atravessava os montes que o separavam das terras do Afranc, e estabelecia a sua guarda avançada dentro dos muros de Medina Narbonna, como os chronistas arabes chamam á antiga capital da Gallia Narboneza, do outro lado comprimia nas agruras selvaticas dos montes de Al-Djuf, como elles dizem tambem, as debeis reliquias do imperio visigothico, agrupadas em torno do intrepido Pelayo! Quem diria que esse povo, ebrio de sangue e agitado pelas paixões mais brutaes, era o mesmo povo culto cuja civilisação resplendia com tão intensa luz no meio das trevas em que estava sepultada a Europa, quando Abd-er-Rahman III, o feliz e victorioso emir, o poeta mimoso, o protector das artes, o adorador do bello, recebia no seu palacio de Azzahrat, entre os esplendores do luxo, os embaixadores que lhe enviava de Constantinopla o imperador grego, o herdeiro dos Cesares, quando nas universidades de Kordova entrava humildemente, para ouvir com mudo respeito as lições dos doutores musulmanos, o estudante Gerberto, que depois, com o nome de papa Sylvestre, devia governar a egreja christã e catholica! Então o imperio mahometano das Hespanhas era potente e forte, ainda que do lado septentrional já uma larga zona lhe fôra arrancada pelo gladio infatigavel dos foragidos das Asturias, ainda que o brado de alerta das sentinellas avançadas do conde de Castella Fernão Gonçalves já podia ser ouvido nos muros de Toledo, ou Tolaitola, como os arabes diziam, a cidade sempre inquieta e buliçosa, e sempre querida dos kalifas. Mas o grito de guerra dos cavalleiros zenetas da guarda do emir fazia descórar os mais intrepidos entre os guerreiros da cruz, e para o lado do sul as suas bandeiras victoriosas tremulavam na Africa revolta, e as tribus do deserto curvavam-se respeitosas ao ouvirem pronunciar o seu nome. Senhor do Andaluz e do Maghreb, olhando com desdem para os christãos que lhe tumultuavam ao norte dos seus dominios sem ousarem ultrapassar a fronteira traçada pela cimitarra do emir, olhando sem inveja para o throno dos kalifas do Oriente, a cuja altura erguêra o seu solio occidental, Abd-er-Rahman III, orgulhoso da sua não interrompida prosperidade, podia exclamar com ufania: «A este imperio consolidado pela minha mão poderosa assegura a Providencia resplandecente immortalidade!»

E, comtudo, o seu reinado foi o pónto culminante do poderio e da civilisação musulmana, ponto culminante onde não se demorou um momento só, começando logo, logo a desabar com a rapidez de uma avalancha pelo pendor da decadencia. Debalde o hadjeb El-Mansur, levando o terror e a assolação ao seio das monarchias christãs, fazendo recuar todos esses godos impetuosos diante dos relampagos da sua espada, illuminava com o esplendor da victoria os ultimos dias da dynastia dos Ommyadas; a sentença estava lavrada, e não havia coisa alguma que lhe podesse adiar a execução. O imperio musulmano da Hespanha ia succumbir; tinha dentro de si mesmo o germen da dissolução — o despotismo. Quando aos despotas intelligentes succederam os despotas idiotas; quando, como na familia dos Merovingios em França, se sentaram no throno kordovez reis *fainéants*, em nome dos quaes governavam tambem esses *maires du palais* arabes, que se chamavam *hadjebs*, então póde-se ver como o despotismo em putrefacção produz a anarchia, e como da anarchia brota a morte de uma nacionalidade. Os walis arabes sublevaram-se por todos os lados, cada provincia se transformou em reino, cada régulo quiz governar só; como succede sempre em casos similhantes, houve um rei imprudente ou mais exaltado que chamou os estrangeiros em seu auxilio: foram estes os almoravides de Africa, que de auxiliares em breve se tornaram dominadores. Assim tinham estabelecido a sua supremacia em Hespanha os arabes

de Tarik e de Musa, *simples alliados* do conde Julião de Sebta e do partido dos filhos de Witiza. Mas o governo almoravide não se estabeleceu sem grandes luctas. O Andaluz tornou-se theatro de uma guerra feroz entre irmãos; muitas vezes os velhos adversarios da raça musulmana foram chamados pelos chefes dos differentes bandos para favorecerem a sua parcialidade, e assim o inimigo natural, o christão, era introduzido, pelos proprios que tinham interesse em desvial-o, no amago do imperio de Abd-er-Rahman.

A ponto de complicar estas discordias, surge na Africa a seita e a dynastia dos almohades inimigos dos almoravides. Então divide-se o Andaluz em centenares de facções; é difficil distinguir o amigo do inimigo. Esta fortaleza toma voz pelos almohades, n'aquella tremúla ainda o pendão dos almoravides; este wali quer a sua independencia, aquell'outro suspira pela apparição de algum ramo ignorado da dynastia ommyada. É entretanto os quatro reinos christãos, Portugal, Leão, Aragão e Navarra, sem deixarem de ser dilacerados pelas discordias internas, vão ampliando sempre o seu territorio, ampliação que está sendo para alguns d'elles uma condição essencial da sua existencia. A invasão christã, ameaçadora e triumphante, a alargar cada dia as suas fronteiras; a discordia civil a banhar de sangue musulmano os ferteis plainos da Andaluzia e do Al-Gharb, são os dois abutres que pairam sobre o cadaver ainda palpitante do antigo imperio kordovez.

Entre os differentes reis nazarenos que abriam com o seu montante, cada vez mais ao sul, novas extremas ao seu territorio, um havia, cujo nome inspirava profundo terror aos musulmanos. Era o rei de uma nova monarchia desabrochada no occidente da peninsula, era o rei de Portugal. O tyranno Ibn-Errik, nome pelo qual as chronicas arabes designam sempre o nosso heroico Affonso Henriques, não lhes deixava um momento de socego, e quasi que não havia mez em que o seu pendão não tremulasse nas ameias de mais alguma fortaleza rendida. Os arabes do Al-Gharb escutavam com terror ao longe o tropear do cavallo de Ibn-Errik, viam relampaguear nas sombras o seu rude montante, e a realidade quasi sempre seguia o sonho. Um grito de victoria, soltado no adarve de uma fortaleza surprehendida, assignalava a cada instante a apparição de Affonso Henriques, subita e fulminante como um raio. Era um leão na batalha campal, era um tigre nas surprezas nocturnas; era verdadeiramente o anjo das vinganças do Omnipotente, o anjo Azrael das crenças mahometanas sulcando com as suas azas silenciosas a profundeza da noite, ou apparecendo em pleno dia, terrivel e resplandecente, a ceifar com a sua espada a lugubre seara dos campos de batalha.

E, comtudo, Affonso Henriques tinha adversarios dignos d'elle. As hostes musulmanas das fronteiras conservavam todo o seu vigor antigo; sabiam militar os seus chefes, e entre outros o nome de Abu-Zakaria, o wali de Santarem, era bem conhecido entre os christãos pelas terriveis algaras com que pagava as correrias do joven monarcha de Portugal.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

LEALDADE E VALOR

Um dos mais brilhantes feitos que illustraram o nome e o valor portuguez, na expulsão do exercito francez d'este reino, em 1811, foi, sem dúvida, a heroica defensa da praça de Campo Maior. Sendo atacada por forças numerosas, sob o commando do marechal Mortier, pôde aquella praça defender-se com espantosa heroicidade, padecendo por espaço de alguns dias (desde 12 até 21 de março do referido anno) os rigores de um apertado sitio. Campo Maior a final rendeu-se, mas honrosamente; e tanto assim, que o inimigo não negou a coragem dos defensores, segundo consta das publicações da epocha.

Como testimunho da lealdade e heroismo de seus benemeritos defensores e habitantes, os cinco governadores do reino, em nome do principe regente (depois el-rei D. João VI) determinaram, em portaria de abril, não só gratificar toda a guarnição da praça e promover o governador (major de engenheiros José Joaquim Talaia) e juiz de fóra (dr. José Joaquim Carneiro de Carvalho) á patente e ao cargo immediatos, por seu brioso procedimento em tal e tão critica circunstancia, mas tambem que a villa d'alli em diante se denominasse *a leal e valorosa villa de Campo Maior*, e que por baixo do escudo das suas armas se inscrevessem as palavras *lealdade e valor* [1].

B. A.

A LAPONIA

Na extremidade septentrional da Europa estende-se um paiz tristemente celebre pelos rigores excessivos do seu clima. Essa região, em que a natureza é tão avara, que mais parece madrasta que mãe, chama-se *Laponia*.

Banha-a pela parte do sul o golpho de Bothnia; limita-a pela parte de léste o mar Branco, e por todo o lado do norte cercam-n'a os gelos eternos do oceano Glacial Arctico. Os reinos da Suecia e Noruega, e a Finlandia, provincia russa, são os estados com que confina pelo lado do sul. Conta de comprimento, na sua maior extensão, que é de sudoeste a nordeste, 300 legoas, e obra de 100 no ponto em que tem mais largura. A sua superficie é estimada em 10:000 legoas geographicas quadradas.

A Laponia é pouco accidentada. O seu territorio é quasi todo plano; os montes são baixos e, em geral, separados uns dos outros. Apenas uma cordilheira pertencente aos Alpes Scandinavos, e cujos pinaculos se elevam 800 metros acima da superficie do mar, lhe borda as fronteiras occidentaes. O granito, o gneis [2] e alguns metaes são as principaes materias, ao que parece, que entram na formação d'estas montanhas. Todavia, em torno d'ellas encontram-se calcareos e schistos. O ferro é o mineral que mais n'ellas abunda: mas dizem que tambem mostram evidentes indicios de occultarem em suas entranhas ricas minas de cobre e de prata.

Cortam e regam a Laponia diversos rios. Varios lagos e extensos pantanos lhe occupam muitas legoas de terreno.

D'entre os rios mencionaremos só os que são notaveis por alguma particularidade. O Alten ou Alata atravessa as montanhas occidentaes, precipitando-se do alto de elevadas rochas e correndo de cascata em cascata. O Tana, afamado por seus corpulentos e saborosos salmões, serve em parte de raia á Russia e á Noruega. O Touloma fórma uma grande e formosa cataracta antes de banhar a cidade russa de Kola. O Tornéo vae lançar-se no golpho de Bothnia depois de ter formado em seu curso impetuoso muitas e vistosas cascatas. O Kemi rivalisa com o antecedente na belleza e numero das cachoeiras.

Os maiores lagos são: ao norte o Enara, semeado de pequenas ilhas, tendo de comprimento 23 legoas e de largura 12; e a léste o Imandra, com 21 legoas de comprido e 5 de largo, o qual desagua no mar Branco.

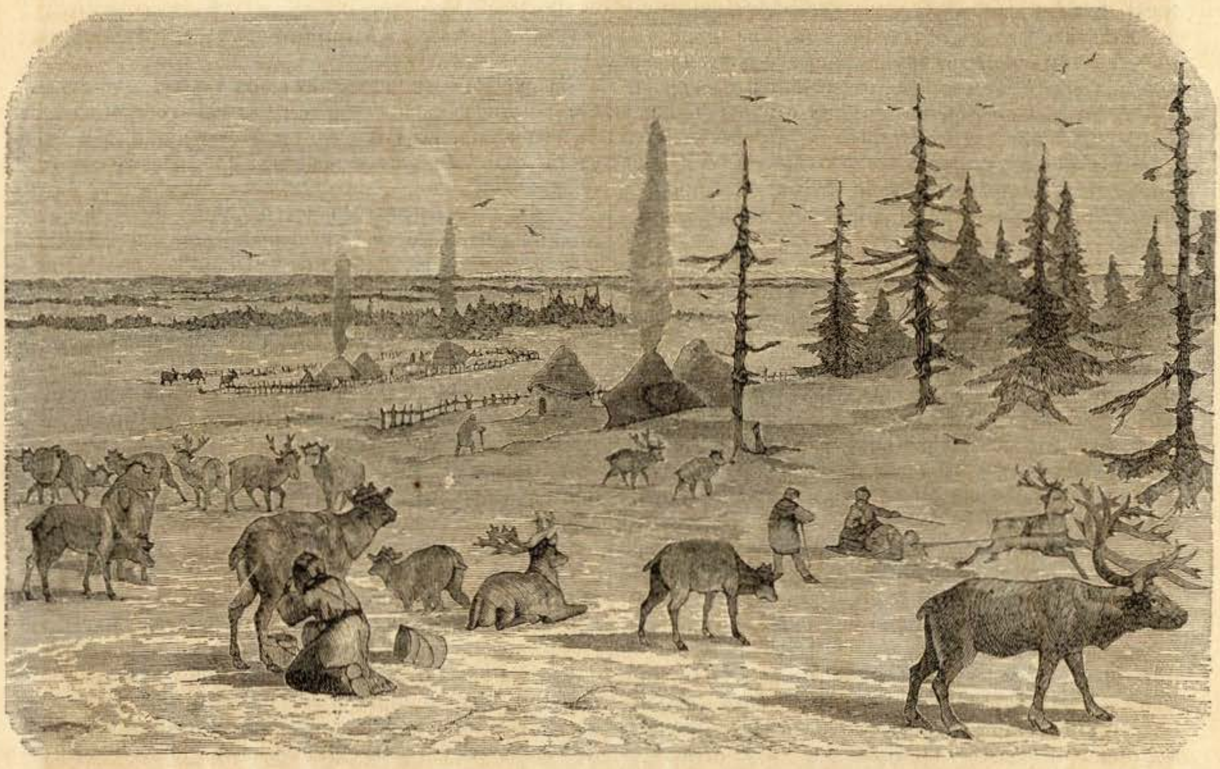
Todos esses rios e lagos, dispersos em uma região

[1] Vid. *Gazeta de Lisboa*, n.º 98, de 25 de abril 1811.

[2] Rocha primitiva composta dos mesmos elementos que o granito. É uma modificação d'este.

extremamente fria e quasi deserta, são faltos de animação, e raras vezes apparecem viajantes estrangeiros nas suas margens. Todavia, offerecem preciosos recursos aos pobres que n'elles vão lançar as suas redes; ao intrepido finlandez, que procura submetter á sua vontade essas massas de agua, obrigando-as a conduzir as madeiras que foi cortar aos bosques do sertão; ao industrioso sueco, modelo de actividade e paciencia, que edifica as suas azenhas e forjas junto dos rios e lagos para lhes aproveitar a corrente como motor, ou simplesmente as aguas para gasto das officinas. O clima da Laponia, apesar de frigidissimo, não é tão inhospito pelos rigores do frio como o dos outros paizes em egual latitude. Em quanto que n'estes não se desfaz completamente a sua cobertura de gelo antes do fim de junho, os portos da Laponia descongelam e tornam-se accessiveis no fim de maio. Esta vantagem, porém, é neutralisada até certo ponto pelos espessos nevoeiros, que vem sem interrupção após o derretimento dos gelos, envolvendo em sombrio manto de humidade todas as terras visinhas das costas do mar. Portanto, apenas no interior do paiz, ao abrigo dos ventos maritimos, e em uma elevação que não seja superior a 170 metros, se dá a cultura de algumas especies de cereaes; pois que só ahi se experimenta toda a força do calor accumulado durante um longo dia de seis semanas.

Negou a natureza a esta região os encantos e doçuras da primavera. Ao cabo de mais de oito mezes de carrancudo inverno, em que o sol nunca deixa ver os seus esplendores, vem rapidamente o verão dar á terra luz e calor, vida e alegria, durante sessenta e seis dias. N'este curto espaço de tempo vestem-se os montes e cobrem-se os valles de mimosa vegetação.



Uma paizagem na Laponia

Rebentam, florescem e dão fructo as raras arvores fructiferas que os rigores do inverno deixam medrar. O lavrador prepara a terra, semeia e colhe a cevada, a aveia e o centeio, unicos cereaes a que a brevidade da boa estação dá o tempo necessario para que se desenvolvam e amadureçam.

Não são sómente os gelos, um frio intensissimo e a escuridão dos dias, o que alli faz o inverno tão triste e feio, quão penoso de supportar. Outro flagello não menor, constante apanagio do termo da estação invernosa, é a violencia dos ventos, desordem atmospherica produzida pelo derretimento dos gelos.

Para compensar as tristezas que aos lapões deve causar tão longa ausencia do sol, concedeu a Providencia a taes regiões as auroras boreaes, essa luz que seria tão poetica e tão bella como a lua se os gelos polares não obstassem a que se reflectisse na superficie tranquilla e cristallina dos lagos, nas espumas e vapores das cascatas dos rios, e nas relvas e florinhas dos prados [1].

[1] Vid. a pag. 149 do vol. VI, e a pag. 7 e 8 do vol. VII, os artigos e gravuras sobre as auroras boreaes e austraes.

A Laponia só é cultivada em certas partes. Além dos cereaes referidos, os habitantes cultivam a batata, cenoura e couve. Dão-se alli algumas especies de arvores fructiferas de outros paizes da Europa; mas os seus fructos não chegam a amadurecer. O *rubus arcticus* e o *rubus chamœrosus*, duas especies de groselhas, são os unicos arbustos indigenas que produzem fructos de agradavel sabor. Quanto a arvores sylvestres, são poucas as variedades. Os pinheiros e os abetos são as que mais abundam, ora dispersas ou formando de longe em longe pequenos grupos, ora reunidas em bosques pouco densos.

Não é mais rica a Laponia em plantas rasteiras. É mui restricto o numero de variedades que possue, de sorte que a principal pastagem de que se alimentam os seus rebanhos de rangiferos, ou rennos, consiste em uma especie de musgo, cujas expansões foliaceas cobrem, em algumas parageus, grande vastidão de terrenos. O *musgo islandico*, que a medicina emprega com proveito no tratamento das molestias de peito, cresce n'aquelle paiz por toda a parte.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.